

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA *DE SOLISTITIONIS INSULA MAGNA*

ANDRÉIA CRISTINA LOPES FRAZÃO DA SILVA*

A obra *Trezenzonii, De Solistitionis Insula Magna*,¹ título que é traduzido para o português como *Viagem de Trezenzônio ao Paraíso, na Ilha do Solstício* ou *Narração de Trezenzônio sobre a Grande Ilha do Solstício*, sobre a qual vou me deter neste trabalho, é uma das treze hagiografias produzidas nas dioceses que formaram a província eclesiástica de Braga na Idade Média Central. A análise deste conjunto de obras é uma das metas do projeto *O culto aos santos e a produção hagiográfica na província eclesiástica bracarense na Idade Média Central*, desenvolvido com apoio financeiro do CNPq. O objetivo central desta pesquisa é, por meio da análise de textos hagiográficos e de informações sobre a trajetória e culto de personagens ligados a esta província, discutir o fenômeno da santidade articulando-o à dinâmica institucional do papado, das comunidades e institutos religiosos, das dioceses e das monarquias na Idade Média Central. Neste artigo, apresento as primeiras reflexões e questionamentos a partir da análise do texto *De Solistitionis Insula Magna*.²

A obra em tela, redigida em latim e em prosa, é narrada em primeira pessoa, por Trezenzônio (*ego Trezenzonius*).³ O relato pode ser dividido em três momentos. No primeiro, com o qual a narrativa é iniciada, é descrito o caos que se instalou na Galiza após a chegada dos muçulmanos (*Ismaelitarum infidelitate*) e a solidão do narrador, que vagueia sem encontrar ninguém até chegar a um farol (*farum Brecantium*), de onde avista uma ilha e para a qual se dirige após construir um barco. O segundo momento é a apresentação da ilha paradisíaca, na qual Trezenzônio viveu por sete anos. O terceiro relata a saída do narrador da ilha, após resistir muito, e sua decisão de ir para a cidade de Tui.

O texto é considerado um relato hagiográfico, pois descreve a permanência do narrador-personagem em um espaço maravilhoso, cujo acesso só era possível mediante a revelação divina, porque a ilha encontrava-se escondida dos olhos humanos sob nuvens

* Professora do Instituto de História da UFRJ. Doutora em História Social – UFRJ. Bolsista PQ-CNPq.

¹ No Alc. 37 a obra é intitulada *Trezenzonii cujusdam brevis Hystoria, seu Fabula de Insula magna solistitione vocata*.

² A partir deste ponto utilizaremos a sigla SIM para nos referirmos a esta obra.

³ Todas as transcrições realizadas da SIM foram feitas a partir do texto de Nascimento (1998: 226-231).

negras. Segundo a narrativa, neste local não fazia nem muito calor nem muito frio; durante a noite não ficava tão escuro; não faltava alimento, e nenhuma angústia, sono, pensamento triste ou pecaminoso atingia Trezenzônio. Para atravessar toda a ilha foram necessários oito dias e nela o narrador encontrou uma enorme igreja, repleta de pedras preciosas e bens, dedicada à Santa Tecla, que, segundo o relato, aí se encontrava sepultada e onde todos os anos a sua festa era celebrada com coros celestiais (*celestium coros*).

Esta obra, que ocupa somente dois fólios, foi transmitida por dois manuscritos datados entre os séculos XIII e XIV, provenientes do Mosteiro Cisterciense de Alcobaça, mas que atualmente encontram-se na Biblioteca Nacional de Lisboa: Alc. 37, fl. 118v – 120 e Alc. 39, fl. 359-360 (VAN DUZER, 2008: 335). Segundo Aires Nascimento, ela chegou a Alcobaça em meados do século XIII, provavelmente já como uma cópia do texto original. Para o autor, o interesse pela obra neste cenóbio pode ser explicado pelo caráter eremítico do personagem central/narrador (1998:213). Ela foi publicada pela primeira vez em 1918 por Pedro D'Azevedo. Na década de 1980, foi alvo de edições críticas e traduções elaboradas por Díaz y Díaz e Aires Nascimento. Em 2008, Chet Van Duzer publicou uma tradução para o inglês. E apesar de mencionada por vários autores, poucos foram os que se detiveram em sua análise.⁴

A autoria do texto é desconhecida. Um dos principais estudiosos da obra, Diaz y Diaz, defende que o autor foi provavelmente um monge, que possuía conhecimentos de retórica, literatura, e de cartografia (1993: 639). Vale destacar que apesar de Trezenzônio encontrar-se sozinho em todo o relato, salvo pela eventual companhia dos anjos na ilha, a narrativa não realça o ambiente eclesial, já que descreve uma basílica, sublinhando que nela havia códices e paramentos para as celebrações litúrgicas (*codicibus scilicet et ministeriorum sacramentis*), e finaliza indicando que fora educado nas letras pelo bispo Adélfio, de Tui. Sem dúvida, no provável período de redação desta obra, tema que será discutido a seguir, os mosteiros eram os principais centros de produção e cópia de obras, possuíam igrejas e muitos bispos viveram em cenóbios. Sobre este último aspecto, há notícias de que durante o século X os próprios bispos de Tui, diocese referenciada na obra, residiram nos mosteiros de San Cristóbal de Labruxe e de San Esteban de Ribas de Sil. Assim, uma comunidade monástica não pode ser

⁴ Salvo os trabalhos elaborados pelos editores e tradutores da obra, só encontramos referências sobre dois trabalhos específicos dedicados a analisar a obra: um texto de Almeida Lucas, publicado em 1991; a dissertação de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa em 1999 por Alice Maria Grave Mendes Amaral Fernandes, e um trabalho texto de Eduardo Otero Pereira. Infelizmente, até o momento, só conseguimos ter acesso ao texto de Lucas.

descartada como local social de redação, contudo, o autor poderia ser um clérigo residente em um mosteiro ou um monge que fora ordenado.

Outro aspecto a ser destacado é que apesar da SIM descrever uma ilha maravilhosa, ela se baseia em uma representação espacial conhecida e difundida no século XI por meio da imagem de um mapa-múndi que compõe o Beato de Osma. Segundo Moralejo, o principal estudioso deste Beato, tal manuscrito foi elaborado a partir de um protótipo galaico perdido, provavelmente no Mosteiro de Sahagún, por volta de 1086 (1992: 177). Como destaca Francisco Prado-Vilar, “en una reducida sección del mapamundi de Osma encontramos reunidos el punto de partida (la Torre de Hércules), el de destino (la isla del Solsticio) y el de retorno (el Miño) del relato del monje Trezenzonio, a modo de “condensación gráfica de su aventura” (2011: 302). Ou seja, no referido mapa encontram-se representados os principais espaços que compõem o itinerário/narração de Trezenzônio: a Ilha do Solstício, não identificada, a Torre de Hércules⁵ e o Rio Minho, marcos geográficos conhecidos.

A representação dos espaços presentes na SIM em um mapa do século XI permite ao menos supor que esta narrativa e o referido mapa partilhavam das mesmas referências culturais, vinculadas às tradições da igreja hispano-visigoda, da monarquia astur-leonesa e dos moçárabes.

Esta vinculação às tradições hispanas também pode ser relacionada a uma alusão presente logo no início do texto: “Daí que intente reduzir a algumas notas no livro do meu Euquério um caso da minha ventura e a situação desta ilha/ *unde in libro Eucherii mei fortunii casum et supredicte insule statum metabor compendio*”. Esta menção ao livro de Euquério pode ter dois sentidos: que o texto da SIM foi registrado em uns poucos fólios de um livro de autoria ou de propriedade de um Euquério. Se a primeira suposição for a correta, ou seja, que a obra foi escrita em um manuscrito que continha um livro de autoria de Euquério, identificado pelos editores da SIM como o bispo de Milão do século V (VAN DUZER, 2008: 342, nota 10; NASCIMENTO, 1998: 214, nota 3), pode ser mais uma evidência desta vinculação cultural. A obra de Euquério circulava nos ambientes de tradição hispano-visigoda, como atesta a doação realizada em 927 por Cixila,⁶ de origem moçárabe, para o

⁵ A Torre de Hércules é um farol construído pelos romanos por volta da segunda metade do século I e início do II na entrada do Golfo Ártabro, em A. Coruña, Espanha.

⁶ Este documento foi publicado por GOMEZ MORENO, 1919: 347-348.

mosteiro de Abeliare,⁷ Esta doação, mencionada em nota por Aires do Nascimento (1998: 236, nota 4), indica que *Eucherii liber* foi um dos muitos livros doados

Quanto à provável datação, segundo Díaz y Díaz, a obra foi redigida no início do século XI. Esta data está relacionada à motivação que, na perspectiva deste autor, levou à produção deste texto: “intervir en los pleitos o reivindicaciones posteriores a la devolución por el obispo de Tuy de las tierras que ocupaba en el norte, acaso a comienzo del siglo XI” (1985: 108).

Segundo Díaz y Díaz, o Farol estava situado em uma comarca que, no século X, pertencia a Tui. Esta informação se baseia em um documento datado de 915, pela qual os bispos de Tui e Lamego são reintegrados às suas dioceses ao mesmo tempo em que devolvem as concessões territoriais que lhes tinham sido entregues provisoriamente.⁸ A autenticidade deste texto, que trata de diversos temas, tem sido discutida, mas vários autores sustentam que, sobre a questão em tela, não há dúvidas sobre a autenticidade (LUCAS ALVAREZ 1997:108). Contudo, há outro documento, datado de 991, pelo qual o então rei de Leão, Bermundo II, teria doado as terras ao redor da Torre de Hércules/*Farol Brigantium* à diocese de Santiago.⁹

Alguns anos depois, em 1024, o rei Afonso V de Leão anexou a diocese de Tui à de Iria-Santiago,¹⁰ situação que se prolongou até cerca de 1270. Esta obra, portanto, ao vincular Trezenzônio ao farol e ao bispado de Tui, pode ter sido um instrumento de reivindicação desta área pelo bispo tudense quando da restauração da diocese, o que estaria em harmonia com a datação proposta por Diaz y Diaz. Como a menção a Tui é associada ao bispo Adélfio (dirijome a Tui, por causa de Adélfio, bispo desta cidade/ *venio Tudam, causa Adelfii ipsius civitatis episcopi*), identificado como o prelado tudense que assina as atas do XV Concílio de Toledo, reunido em 688, o objetivo poderia ser destacar a antiguidade deste episcopado, que remontaria a um período antes da descoberta do túmulo de São Tiago. Por outro lado, este documento também poderia ter sido utilizado pela própria Sé de Iria-Santiago de Compostela,

⁷ Este mosteiro é identificado ao cenóbio leonês de São Cosme e São Damião, já desaparecido.

⁸ Este documento foi publicado por vários autores, dentre eles Lucas Álvarez (1997: 108-111).

⁹ Este documento está publicado por vários autores, como Flores, na **España Sagrada**, volume XIX (1765: 379 - 382) e Lucas Álvarez (1997: 162-166). Dentre os que assinam encontra-se um bispo denominado Viliulfo, que, segundo o **Diccionario de Historia Ecclesiastica de España**, era bispo de Tui por volta de 970 (RAMOS, 1973: 2590). Não encontramos neste texto nenhuma referência que estas áreas pertenciam ao episcopado de Tui.

¹⁰ Documento publicado na **España Sagrada**, volume XIX (1765: 390 - 392).

ainda que esta não seja citada na SIM, a fim de manter seu domínio tanto sobre o farol, que lhe foi doado em 991, quanto sobre a diocese de Tui, que lhe foi anexada entre 1024 a 1269.

Quanto ao local de redação, para Díaz y Díaz foi entre Braga e o Rio Minho (1993: 639), ou seja, em uma área vinculada à diocese de Tui e à província eclesiástica de Braga, hipótese em harmonia com a tese do autor sobre a motivação para a composição da obra, informada acima.

Quanto ao texto, os editores também destacam a qualidade formal, que apresenta um vocabulário variado e emprega diversos recursos retóricos, como anáforas, paronomásias, repetições, simbolismos, etc. (DÍAZ Y DÍAZ, 1993: 639; NASCIMENTO, 1998: 223). Para tais estudiosos, o autor estava familiarizado com as obras de Isidoro e Orósio, e, provavelmente, com textos irlandeses sobre viagens, os chamados *immrama*, já que seu relato apresenta semelhanças com estes materiais (VAN DUZER, 2008: 338; NASCIMENTO, 1998: 220). Como realçam Alfaya Lamas e Villaverde Solar, a Galiza foi uma área fundamental nos contatos estabelecidos entre a Península Ibérica e a Irlanda no medievo, atestada pelo *Libro de las Invasiones irlandês*, obra do século XI, que relata como o rei dos milésios e seu povo saíram da região e se estabeleceram na Irlanda (2009: 237).

A seguir, serão apresentadas as questões que, à luz da problemática central da pesquisa em curso, foram suscitadas nesta primeira análise.

A primeira baseia-se nas hipóteses de Díaz y Díaz quanto ao local e data de redação da obra, ou seja, em relação à diocese de Tui no século XI. Segundo o documento datado de 1024, acima citado, a anexação de Tui a Santiago deu-se porque a cidade fora destruída pelos normandos. Segundo concluem os especialistas, por meio da análise dos testemunhos, a cidade teria sido atacada por volta de 1015, ocasião em que seu bispo, Afonso I, foi levado prisioneiro (SÁNCHEZ PARDO, 2010). Devido à sua localização, na desembocadura do rio Minho, Tui ficara vulnerável às incursões vikings. A SIM, contudo, ignora os normandos. Como já sublinhado, a obra inicia informando que a terra estava desabitada porque “tendo as cidades de toda a Galiza sido devastadas até aos fundamentos pelos infiéis ismaelitas, e convertidas em covis de feras, por anos sem conta / *Quoniam igitur totius Gallecie Ismaelitarum infidelitate civitates funditus extirpare et ferarum cubilibus annis per compluribus date essent*”. Por que a obra não menciona os normandos?

Segundo Díaz y Díaz, o início do relato da SIM se situa 300 anos antes de sua redação, ou seja, por volta de 716, momento em que os muçulmanos chegaram à Galiza (1993: 639), e

finaliza sua narração por volta do ano mil, pois, ainda segundo o autor, o texto indica que já havia alguns habitantes na região. Neste sentido, para o filólogo espanhol, os sete anos passados na ilha, espaço maravilhoso, não correspondem aos anos terrenos.

Mesmo concordando com esta cronologia maravilhosa, ela não justifica por que os normandos não são mencionados. A diocese de Tui, como toda a Galiza, foi alvo de diversas incursões, primeiro muçulmanas e, posteriormente, normandas, do século VIII ao XI, e parte do território esteve, em algumas ocasiões, sob controle dos “ismaelitas”. Assim, o marco temporal inicial da obra pode não ser a primeira expansão islâmica na região. Por outro lado, a ausência de alusões aos normandos pode ser um indício do momento de redação da obra? A ênfase na destruição provocada pelos muçulmanos e a ausência de menção aos normandos podem ter outros sentidos? A informação de que a região começava a ser novamente povoada, mais do que um marco cronológico, não deve ser interpretada como uma referência à reorganização eclesiástica do século XI ou às estratégias de povoamento implantadas por senhores locais?

Outra questão a ser pontuada é a menção ao bispo Adélfio, que, segundo o Episcopologio tudense, foi o último bispo conhecido antes da conquista muçulmana (RAMOS, 1973: 2599). O texto indica que Trezenzônio decide ir até Tui por dois motivos: em primeiro lugar, porque ao retornar da ilha encontrou a cidade de Cesárea¹¹ quase em ruínas e a Galiza com poucos habitantes e, em segundo, porque Adélfio, que foi bispo da cidade de Tui, “me educara sabiamente nas letras desde a primeira idade e me tratara como um pai a seu filho *qui me a primórdio eruditum libere et ut pater filium educauerat*”. Por que salientar a figura de Adélfio e, por extensão, da diocese de Tui? Por que o referido bispo é vinculado à educação e à convivência com o narrador Trezenzônio?

Além da referência ao bispo de Tui, é importante sublinhar o realce dado, na descrição do que fora encontrado na Ilha, à basílica ali estabelecida:

Andando por ela durante oito dias dei com o cabo. Dei também aí com uma basílica de dimensão extraordinária e de extraordinária construção. Tinha, com efeito, uns 51 côvados de altura e o comprimento 61; o perímetro, em toda a volta, era de 300 estádios; tinha oito absides, quatro pórticos, dez arrecadações, quatro das quais eram depósitos repletos de quantidade de todos os bens, entre os quais códices e

¹¹ Segundo o site mantido pelo Ayuntamiento de A. Coruña, desde o final do século X o local se onde encontrava a Torre de Hércules passou a denominar-se Cesaréa. Disponível em: <http://www.torredeherculesacoruna.com/index.php?s=84>. Acesso em 13/03/13

paramentos das celebrações litúrgicas. Por seu lado, o pavimento da basílica era uma mistura de perdas de cristal e esmeraldas, de perdas preciosas e carbúnculos; no meio da igreja, havia também um altar de mármore com colunas de ouro à volta e um pavimento de cristal puríssimo; as toalhas do altar refulgiam com o ouro entretecido, à semelhança do sol. Por cima do altar de Santa Tecla, que aí está sepultada, uma inscrição testemunha que a basílica fora erguida sob sua invocação. Da parte direita, fica um túmulo construído em pedra preciosa, mas desconhecida, e na cabeceira há uma lápide de mármore com a inscrição: ‘AQUI JAZ CIRILO E SEU DISCÍPULO FLÁVIO’/ *Per quem diebus octo incedendo inueni caput eius, inuenique ibi mire magnitudinis mireque structure basilicam. Erat enim illius altitudo quasi cubitorum L^a.I^o, latitudo uero LX^a. I^o, per girum autem in circuitu stadia CCC^{orum}, abside octo, porticus III^{or}, sacraria decem, inter que thesauri III^{or} omnium bonorum quantitate repleti, codicibus scilicet et ministeriorum sacramentis. Pauimenta uero basilice christalinis et zmaracineis, iacintinis et carbuncilinis lapidibus uariata. Medio quoque ecclesie altare marmoreum, in circuitu bases auree et pauimentum vitro purissimo; uestimenta altaris auri textilis refulgentia ad solis imaginem. Supra altare uero sancte Teclae ibi requiescentis epitafium, ipsius sub nomine fabricatam esse basilicam; dextera autem parte sepulcrum preciso sed innoto constructum lapide, in caput cuius marmorea tabula sic inscripta: ‘hic requiescit quirillus et eius discipulus Flauius’.*

Esta descrição é complementada mais adiante: “numa inscrição em coluna de mármore, estava o nome da basílica de Santa Tecla/ *Interiore uero parte coluna marmórea inscripta nomen basilice sancte Teclae*”.

De todos os elementos apresentados sobre a Ilha, a basílica é a que ocupa o maior número de palavras. Ela é monumental, pois as medidas informadas indicam um prédio de 30,6 metros de altura por 36,6 de largura (NASCIMENTO, 1998: 237, nota 16), está provida de códices e paramentos para a realização de celebrações litúrgicas;¹² é preciosamente adornada com pedras de grande valor; possui o sepulcro de uma santa, a qual a igreja está dedicada. Além disso, Trezenzônio era agraciado com coros de anjos e com a própria eucaristia, recebendo dos próprios anjos os elementos centrais do ritual – o pão e o vinho. O narrador, portanto, permanece em um ambiente eclesiástico, no qual os livros e a liturgia têm destaque. Por quê? Há alguma relação entre esta basílica e a igreja de Tui? A ênfase na

¹² Doar livros e paramentos para igreja e mosteiros recém-fundados era uma prática comum nos séculos IX, X e XI período, como os diplomas registram. Vários destes diplomas estão publicados em GÓMEZ-MORENO, 1919: 321-353.

liturgia pode estar relacionada às discussões sobre a adoção da liturgia romana nos reinos ibéricos? O realce à presença do sepulcro de uma santa pode ser interpretado como um elemento de distinção em face de outros templos?

Por fim, destacamos a menção à Santa Tecla. Segundo o texto apócrifo conhecido como *Atos de Paulo e Tecla*, datado do século II, Tecla de Icônio foi uma virgem cristã que atuou na pregação do cristianismo ao lado de Paulo, como uma espécie de apóstolo do sexo feminino.¹³ Seu culto difundiu-se pela cristandade, inclusive na Península Ibérica. Por que esta é a santa sepultada na basílica da Ilha? Por estar associada ao apóstolo Paulo e ser, no texto apócrifo, apresentada como uma pregadora, pode ter sido escolhida para ser mais um elemento para fundamentar as reivindicações de Tui face aos outros episcopados, em especial Compostela? Afinal, se esta diocese guardava o sepulcro do apóstolo Tiago, a tudense possuía vinculações com a santa-apóstolo. A referência à Santa Tecla poderia representar reminiscências do Priscilianismo na região,¹⁴ pois esta santa foi associada a este grupo condenado como herege ou, ao contrário, foi mais uma estratégia para reabilitar o culto à santa, que começa a figurar nos calendários litúrgicos a partir do século X?¹⁵ O fato de a basílica ser dedicada a uma santa pregadora pode se relacionar, de alguma forma, a grupos de letrados de mulheres da Galiza?

Como é possível verificar, a análise da SIM apresenta uma série de questões para o historiador. Mais do que certezas, a narrativa de Trezenzônio inspira perguntas e gera possibilidades de leitura histórica. Em trabalhos posteriores pretendemos discutir as questões aqui levantadas, propondo novas interpretações para um texto ainda tão esquecido pelos estudiosos.

Bibliografia:

¹³ Sobre Santa Tecla há uma ampla bibliografia. Ao final do texto estão listadas algumas referências de obras que relacionam Tecla à vida apostólica.

¹⁴ Alguns autores relacionam o apostolado de Tecla registrado no texto apócrifo às práticas priscilianistas, tal como José María Blázquez.

¹⁵ Como sugeriu a Professora Leila Rodrigues da Silva, em algumas de nossas reuniões de pesquisa, a opção por Santa Tecla pode ter sido motivada justamente pela sua ambiguidade, ou seja, por seu vínculo ao Priscilianismo e aos calendários litúrgicos a partir do século X.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARÁ

ALFAYA LAMAS, Elena e VILLAVARDE SOLAR, María Dolores. Historia, arte y peregrinación en el itinerario irlandés a compostela. **Cuadernos de Estudios Gallegos**, Santiago de Compostela, v. LVI, n. 122, p. 235-248, 2009.

ALMEIDA LUCAS, M. C. Insula Solistitionis: uma ilha iniciática. Y. CENTENO y LIMA DE FREITAS (ed.). **A simbólica do espaço**: cidades, ilhas, jardins. Lisboa: Estampa, 1991. p. 73-85.

BLÁZQUEZ, José María. El cristianismo hispano: (su origen y repercusión en la sociedad hispana y en la iglesia universal) Disponível em http://www.colegiodeemeritos.es/CURSOSYCICLOSDECONFERENCIAS/ARCHIVODECURSOS_CursoBlazquezRed10/seccion=81&idioma=es_ES&id=2010102617030001&activo=1.do Acesso em 10/03/2013

BOUGHTON, Lynne C. From Pious Legend to Feminist Fantasy: Distinguishing Hagiographical License from Apostolic Practice in the "Acts of Paul/Acts of Thecla". **The Journal of Religion**, Chicago, v. 71, n. 3, p. 362-383, 1991.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C.. Trezenzonio. In: LANCIANI, Giulia e TAVANI, Giuseppe (org.). **Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1993. p. 638-639.

_____. Un viaje a la isla del paraíso. In: **Visiones del más allá en Galicia durante la alta Edad Media**. Santiago de Compostela: Bibliófilos Gallegos, 1985. p. 95-112.

DUNN, David J. "Her that is no bride": St Thecla and the relationship between sex, gender, and office. **St Vladimirs Theological Quarterly**, Crestwood, v. 53, n. 4, p. 37-68, 2010.

FERNANDES, Alice Maria Grave Mendes Amaral. **Trezenzonii de solistitionis insula magna [Texto policopiado]: transfigurações na aurea hora**. Tese mestrado. Estudos Anglo-Portugueses. Univ. Nova de Lisboa, 1999.

FLOREZ, Henrique. **España Sagrada**. Teatro Geográfico-Histórico de la Iglesia de España. Madrid: Antonio Marin, 1765. 56t. T. 19: Contiene el estado antiguo de la iglesia Iriense, y Compostelana, hasta su primer Arzobispo.

GOMEZ MORENO, Manuel. **Iglesias mozarabes**. Arte español de los siglos IX a XI. Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1919.

HAYNE, Léonie. Thecla and the Church Fathers. **Vigiliae Christianae**, Leiden, v. 48, n. 3, p. 209-218, 1994.

MARQUES, José. A fronteira do Minho, espaço de convivência galaico-minhota. In: RIBEIRO, Jorge Martins; SILVA, Francisco Ribeiro da, OSSWALD, Helena (org.). **Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2004. 3v., V. 2, p.697-712.

MORALEJO, Serafín. El mundo y el tiempo en el mapa del Beato de Osma. In: _____. **El Beato de Osma**. Estudios. Valencia: Vicent García Editores, 1992. p. 151-179.

NASCIMENTO, A. A. **Navegação de São Brandão nas fontes portuguesas medievais**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

OTERO PEREIRA, Eduardo. Un testimonio más del viaje de Trezenzonio en un manuscrito de Juan Gil de Zamora. In: MARTÍNEZ GÁZQUEZ, José, CRUZ PALMA, Oscar de la, FERRERO HERNÁNDEZ, Cándida. (coord.) **Estudios de Latín Medieval Hispánico**. Congreso Hispánico de Latín Medieval, 5., 2009, Barcelona. **Actas...** Florença: Sismel, 2012. p. 205-218.

RAMOS, M. Tuy-Vigo, Diocésis de. In: ALDEA VAQUERO, Q.; MARIN MARTINEZ, T. e VIVES GATEL, J. (coord.) **Diccionario de Historia Ecclesiastica de España**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1973. 5v., V. 4, p. 2598-2602.

SÁNCHEZ PARDO, José Carlos. Los ataques vikingos y su influencia en la Galicia de los siglos IX-XI. **Anuario Brigantino**, Betanzos, nº 33, p. 57- 86, 2010.

VAN DUZER, Chet. The Voyage of Trezenzonio to the Great Island of the Solstice: English Translation and Commentary. **Folklore**, Londres, v. 119, n. 3, p. 335-345, 2008.

LUCAS ÁLVAREZ, Manuel. **La documentación del Tumbo A de la Catedral de Santiago de Compostela**: estudio y edición. León: Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 1997.